

## FEVEREIRO DE 2025

- Entre idas e vindas em relação às tarifas, Governo de Donald Trump eleva incertezas globais;
- Na Europa, a Alemanha anuncia pacote de gastos fiscais para a defesa e infraestrutura;
- PIB cresce abaixo do esperado no 4T24 e reforça visão de desaceleração da economia em 2025;
- IPCA deverá permanecer acima do teto da meta até 2027.

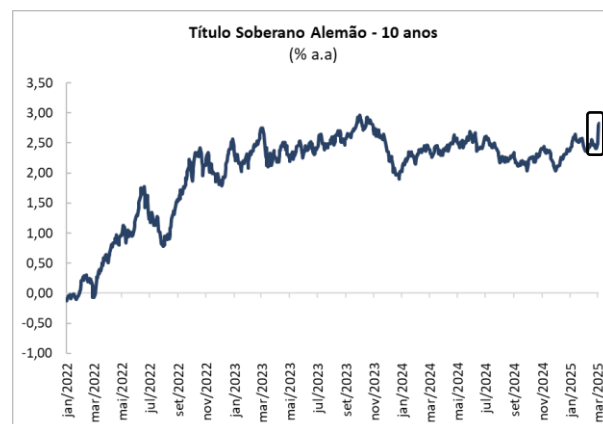
As discussões sobre a adoção de tarifas pelos EUA no comércio com Canadá e México permaneceram ativas ao longo de fevereiro, além da imposição do aumento das alíquotas para importações chinesas. Embora com idas e vindas, as tarifas para México e Canadá devem ficar para abril. Além disso, os mercados continuam em compasso de espera em relação a como se dará a tarifação no comércio entre EUA e União Europeia.

A expectativa da MAG Investimentos é de continuidade deste ambiente de tensão nas relações comerciais dos EUA com o resto do mundo, mantendo um cenário de incerteza elevada, podendo prejudicar o ambiente global de negócios e os preços dos ativos financeiros.

Em termos de análise econômica, foi mantida a perspectiva de desaceleração da atividade em 2025, com o PIB saindo de um avanço de 2,8% no ano passado para 2,2% em 2025. O cenário inflacionário nos EUA permanece com incerteza elevada, tendo em vista os impactos incertos das tarifas sobre a inflação de bens. Apesar disso, mantemos entendimento de que a inflação tende a convergir para a meta do Fed, ainda que de forma mais lenta, o que deve permitir o FOMC a cortar os juros em 0,25 p.p. cada nas reuniões de junho e de dezembro.

Na Zona do Euro, o mês foi marcado pelas declarações de expansão fiscal com foco em defesa e infraestrutura entre os países membros, com destaque para a Alemanha, que anunciou um acordo entre governo e Congresso para o relaxamento da regra de

controle de gastos públicos. O investimento total anunciado foi de €500 bilhões para o setor de defesa e infraestrutura a ser realizado ao longo da próxima década, o que impactou fortemente os *bonds* (alta de 30 bps) e a bolsa da Alemanha, além do euro, na data do anúncio.



Apesar de reconhecer o viés altista deste anúncio para a economia na região de moeda única, a perspectiva de um fraco crescimento se manteve, com a expectativa de alta do PIB de apenas 1,0% em 2025, mesmo com a continuidade de cortes de juros esperada para o restante do ano pelo Banco Central Europeu.

Na China, o governo anunciou a meta de crescimento para o PIB este ano, fixando novamente em 5%. Apesar de entendermos que o governo tenha instrumentos para buscar este avanço, o nosso cenário ainda considera uma alta do PIB em torno de 4,5%, tendo em vista a expectativa de um desempenho mais contido dos setores de infraestrutura, construção civil e industrial.

As *commodities* de energia mostraram queda em fevereiro, em um ambiente marcado por tentativas do governo dos EUA em selar um acordo de paz entre a Rússia e Ucrânia. Destaque para os recuos do barril do petróleo Brent (-4,7%) e do gás natural na Europa (-17,6%). A expectativa de uma boa safra de grãos contribuiu para a queda de 4,3% do CRB Food (que concentra as *commodities* agropecuárias).

No Brasil, o PIB do 4T24 avançou 0,2% ante o trimestre anterior, surpreendendo as expectativas que oscilavam em torno de 0,5% de alta. Com esse resultado, a economia brasileira cresceu 3,4% em 2024. Na abertura do dado, destaque para o consumo das famílias que caiu 1,0% no último trimestre do ano, embora tenha crescido 4,8% no ano passado. A formação bruta de capital fixo mostrou variações de 0,4% e 7,3%, respectivamente.

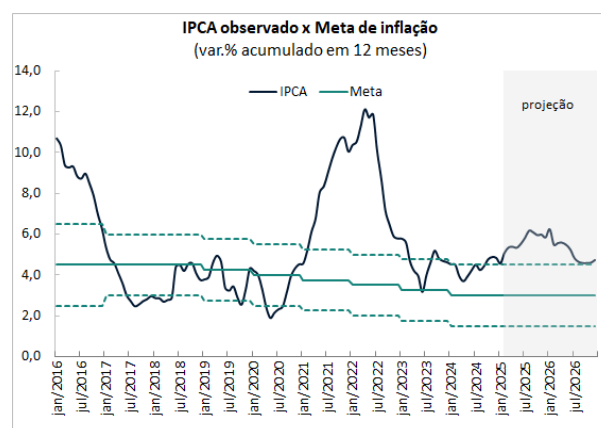
Para 2025, foi mantida a visão de desaceleração da atividade, em resposta aos juros elevados, impactando o vetor do crédito, a inflação pressionada, tirando poder de compra das famílias, e pelo esperado impulso fiscal negativo, com PIB devendo ter um avanço abaixo de 2,0%. Contudo, esta projeção possui viés altista, em função da expectativa de uma safra recorde, que pode levar a um crescimento do PIB superior a 1% no 1T25, medidas parafiscais do governo, via BNDES, por exemplo, além da nossa visão de mercado de trabalho resiliente no começo do ano, podendo suavizar a desaceleração do consumo. Com isso, o crescimento poderia ficar um pouco acima de 2% no corrente ano.

No cenário inflacionário, o IPCA deverá subir 5,8% em 2025, puxado pelas altas de alimentos e serviços, principalmente. Mesmo com a expectativa de supersafra, os preços dos alimentos deverão subir 7,7%. Já os serviços, em resposta à inércia e ao mercado de trabalho apertado, devem avançar 6,3%. Para fevereiro, a inflação oficial deverá subir 1,3%, puxada pela alta de 15,9% de energia elétrica (devolução do bônus de Itaipu) e de 4,8% do grupo educação (reajuste das mensalidades escolares).

Entendemos que o anúncio do governo de zerar a alíquota de importação de alguns alimentos terá impacto limitado sobre os preços desses itens, sem grandes efeitos sobre a inflação.

A queda no preço do petróleo e o comportamento mais benigno do dólar (oscilando entre R\$ 5,70 e R\$ 5,80) se mostram como um risco de baixa para a inflação, dada a possibilidade de reajuste nos preços nas refinarias pela Petrobras.

Para 2026, realizamos um ajuste relevante na projeção do IPCA, passando a considerar uma alta de 4,7%, em função de uma pior inércia, revisão para cima na inflação de itens administrados, preços livres respondendo a um cenário de incerteza elevada e expectativas de inflação continuamente desancoradas, representando um ambiente de IPCA rodando acima de 4,5% até 2027.



Com relação ao BC, mantemos a expectativa de que, após a alta de 1,00 p.p em março, o Copom deverá elevar a taxa Selic em 0,75 p.p e 0,50 p.p nas reuniões de maio e junho, respectivamente, encerrando o ciclo em 15,50%, patamar que deverá perdurar até, pelo menos, o final de 2025.

No âmbito fiscal, a nossa projeção para 2025 indica déficit ao redor de R\$ 90 bilhões (0,75% do PIB). Contudo, o governo deve continuar a sua política de ajuste pelo lado das receitas, em função da dificuldade em promover uma redução de gastos robusta. Além disso, ao considerar os ajustes para cômputo da meta de primário, o Governo deve atingir o resultado a partir do contingenciamento de cerca de R\$ 25 bi, acima do observado em 2024.

## MERCADO

### Renda Fixa/Multimercados

O mês de fevereiro voltou a introduzir volatilidade, com o início das tarifas dos EUA sobre Canadá e México, só para logo em seguida as tarifas serem adiadas em um mês para negociação entre as partes. Donald Trump apresenta um comportamento bastante errático em relação à sua estratégia de negociação com os outros países, fazendo com que seja ainda mais difícil se ter uma perspectiva clara sobre o impacto das tarifas nas economias. O Fed segue em modo de aguardo em relação ao que vai ser o *output* das tarifas na economia e tem comunicado que as taxas estão em níveis confortáveis para enfrentar os possíveis riscos, sinalizando que pretende ficar parado e apenas voltar a cortar taxas uma vez que estes riscos tenham se dissipado e a inflação volte a cair para sua meta. No cenário doméstico, o Brasil seguiu a dinâmica global de descompressão de prêmio de risco, porém com uma volatilidade maior do que a observada no mês anterior. As pesquisas seguem mostrando um cenário de reeleição

### Inflação

Mantivemos nossa exposição igual à do *benchmark* dada a incerteza quanto ao orçamento de alta de juros que será efetivamente realizado pelo Banco Central, apesar da recente reprecificação na curva diminuindo o ciclo esperado, dado que seguem as incertezas em relação ao fiscal, cenário político e ao cenário prospectivo de

### Crédito

Em fevereiro, o mercado de crédito corporativo manteve a tendência de recuperação, com compressão nos spreads das dívidas, especialmente nos *ratings* mais altos. A diferenciação dos movimentos tem seguido a relevância de crédito como principal direcionador: empresas de maior qualidade registraram maior fechamento, enquanto aquelas de menor qualidade enfrentaram maior volatilidade acompanhado de abertura nas taxas. Com isso, começamos a observar um

cada vez mais difícil para o governo do PT, o que vem ajudando os ativos de risco, mas no final do mês uma concretização de medidas mais desesperadas do governo para conter a crise de desaprovação fez com que os ativos de risco sofressem no final do mês, terminando o período mais depreciados do que no final do mês anterior. O Banco Central está se comunicando de maneira que parece estar chegando no fim do ciclo de alta, entendendo a taxa atual como já bastante restritiva (considerando mais uma alta já prometida de 100 pontos base em março) e comentando que, no cenário base, espera-se uma desaceleração da atividade que poderá ajudar no processo de desinflação, além de dar sinais de que gostaria de suavizar o ciclo e procurar uma convergência para a meta em um horizonte um pouco mais longo, deixando as defasagens da política monetária surtir efeito. No período, o real se depreciou em 1,06% e os índices IMA-B, IRF-M e CDI apresentaram retornos de 0,5%, 0,61% e 0,99%, respectivamente, durante o mês.

inflação, atividade e emprego. Seguimos com estratégias no *book* para capturar algumas assimetrias existentes na curva de juros, bem como posições táticas nos juros nominais, via mercado de opção e inclinação nos juros futuros. Desta forma, mantemos a *duration* do portfólio no mesmo nível do *benchmark*.

enfraquecimento do mercado de beta, reforçando a importância da seletividade e da construção de carteiras focadas em qualidade para a geração de alfa. O comportamento dos spreads variou de acordo com o perfil de risco dos ativos. Enquanto os títulos com *rating* A registraram maior volatilidade e abertura nas taxas, os de *rating* superior, AA e AAA, continuaram apresentando fechamento, ainda que de forma moderada, em linha com o observado no mês anterior. Essa discrepância impactou

a curva de *yield*, que, no agregado, resultou em uma leve compressão das taxas médias, refletindo a resposta diferenciada do mercado às mudanças na percepção de risco.

Apesar do espaço limitado para um fechamento acentuado dos spreads nos portfólios, seguimos vendo o carregamento como um dos principais motores de rentabilidade, especialmente em carteiras focadas em empresas de alta qualidade. O mercado primário tem mostrado uma retomada nas emissões de dívidas corporativas, mas continua mais aquecido em operações estruturadas, que, em geral, tem oferecido melhor retorno ajustado ao risco. A menor oferta de ativos *high grade* tem impulsionado a demanda pelos papéis já disponíveis, resultando na compressão de suas taxas. Por outro lado, o fluxo de novas captações na indústria tem apresentado sinais de recuperação, embora ainda abaixo dos níveis registrados nos primeiros trimestres do ano passado. Mesmo assim, os *yields* médios do mercado mantiveram a tendência de fechamento.

Nossa perspectiva para o setor segue otimista. O nível atrativo do carregamento médio nas carteiras contribui para a resiliência dos investimentos, tornando o crédito privado uma opção interessante para diversificação e geração de rentabilidade mais previsível, especialmente em um ambiente de alta volatilidade.

## Bolsa

Em fevereiro de 2025, o Ibovespa reverteu o tom positivo observado no início do ano, encerrando o mês com queda de 2,64%. O desempenho no mês foi pressionado por uma combinação de fatores internos e externos que reacenderam a aversão ao risco entre os investidores. Nos mercados internacionais, as políticas comerciais de Donald Trump, como, por exemplo, as ameaças de tarifas sobre importações de Canadá e México, intensificaram as incertezas em torno da inflação global, dos juros e do crescimento econômico. Somado a isso, a postura cautelosa do *Federal Reserve* (FED), ao sinalizar a manutenção de juros elevados nos EUA por um período prolongado, direcionou

As emissões corporativas de fevereiro se concentraram nos setores de saneamento, saúde, transporte e logística. O mês tem sido marcado pela retomada das empresas no mercado de emissão primária de dívidas, e esperamos volumes ainda maiores nos próximos meses. Esse dinamismo reforça a capacidade do crédito corporativo de gerar oportunidades atrativas, mesmo diante de um cenário desafiador.

As carteiras de crédito da MAG se beneficiaram do carregamento e do fechamento dos spreads ao longo do mês, o que favoreceu a rentabilidade. Os portfólios, compostos por títulos bancários, corporativos e ativos estruturados, apresentaram um desempenho positivo, reforçando a solidez da estratégia adotada. Mantendo nossa estratégia de diversificação, os fundos de crédito da MAG continuam focados em ativos *high grade* de instituições bancárias e corporativas, cuja solidez e geração de caixa são notórias. O portfólio tem desfrutado de rendimentos consistentes, alinhando a *duration* à estratégia de investimento predeterminada. A seleção de títulos bancários tem privilegiado entidades com carteiras menos vulneráveis a ciclos econômicos, enquanto, no campo corporativo, a diversificação setorial e entre emissores tem sido primordial, prevenindo a concentração excessiva e otimizando a gestão de risco.

fluxos de capital para ativos mais seguros, diminuindo o interesse dos investidores por mercados emergentes. No mercado doméstico, a falta de avanços em medidas de ajuste fiscal, aliada à percepção de deterioração das contas públicas minou a confiança dos investidores, agravada pelo risco de políticas populistas em resposta à queda na popularidade do presidente Lula. No campo político, por exemplo, a indicação de Gleisi Hoffmann para a Secretaria de Relações Institucionais sinalizou uma articulação mais conflituosa com o Congresso, elevando os temores de instabilidade política. Dentre os setores e empresas do Ibovespa, podemos destacar

negativamente o desempenho da Petrobras com a frustração do mercado com os dividendos da empresa e a fraca performance nos setores Cíclicos e Agro. No campo positivo, apenas *Bond Proxy* (puxado pela performance positiva da Eletrobras, com o

acordo firmado com o governo federal) e VALE3 demonstrando certa estabilidade. Os fundos de renda variável da casa têm sua performance explicada, principalmente, pelo resultado abaixo do esperado nos setores de Cíclicos e Defensivos.

## Indicadores Macroeconômicos

	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026
Crescimento do PIB	-3,3%	1,3%	1,8%	1,2%	-3,3%	4,8%	3,0%	2,9%	3,4%	1,7%	1,5%
Taxa de Desemprego*	11,7%	12,6%	12,2%	11,8%	13,8%	14,0%	9,6%	7,8%	6,6%	6,8%	7,1%
IPCA	6,3%	3,0%	3,8%	4,3%	4,5%	10,1%	5,8%	4,6%	4,8%	5,8%	4,7%
IGP-M	7,2%	-0,5%	7,5%	7,3%	23,1%	17,8%	5,5%	-3,2%	6,5%	6,8%	3,7%
Taxa de Câmbio** - R\$/US\$	3,26	3,31	3,87	4,03	5,20	5,58	5,22	4,84	6,19	5,90	5,80
Selic	13,75%	7,00%	6,50%	4,50%	2,00%	9,25%	13,75%	11,75%	12,25%	15,50%	13,50%

\*média anual / \*\*fim de período

Projeções em vermelho

## Performance dos Fundos

Renda Fixa	fev-25	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Desde o Início	PL Atual <sup>1</sup>	Data de Início <sup>3</sup>
							PL Médio 12M <sup>1</sup>	
MAG FI Renda Fixa	1,02%	2,20%	11,10%	25,23%	41,42%	274,41%	608.318	01/09/2010
% CDI	<b>103,47%</b>	<b>109,49%</b>	<b>99,76%</b>	<b>99,81%</b>	<b>99,64%</b>	<b>101,84%</b>	<b>728.481</b>	
MAG FI RF Ref DI Premium Crédito Privado	0,99%	1,98%	11,66%	26,14%	42,41%	45,05%	983.997	29/12/2021
% CDI	<b>100,32%</b>	<b>98,77%</b>	<b>104,79%</b>	<b>103,37%</b>	<b>102,03%</b>	<b>102,92%</b>	<b>970.174</b>	
MAG Cash 10 FI RF Crédito Privado	1,01%	2,00%	12,03%	26,86%		35,11%	359.499	01/09/2022
% CDI	<b>102,53%</b>	<b>99,89%</b>	<b>108,14%</b>	<b>106,22%</b>		<b>105,46%</b>	<b>157.962</b>	
MAG Top FI CP LP	1,13%	2,45%	11,54%	24,88%	40,33%	75,79%	63.527	02/05/2018
% CDI	<b>114,62%</b>	<b>122,40%</b>	<b>103,75%</b>	<b>98,40%</b>	<b>97,02%</b>	<b>107,99%</b>	<b>75.701</b>	
MAG High Grade RF Crédito Privado LP	1,02%	2,15%	11,05%			24,94%	527.347	18/04/2023
% CDI	<b>103,84%</b>	<b>107,10%</b>	<b>99,35%</b>			<b>107,79%</b>	<b>535.263</b>	
MAG Inflação Alocação Dinâmica FI RF LP	0,43%	1,43%	-2,03%	12,15%	20,57%	238,39%	85.253	23/12/2011
Dif. IMA-B	<b>-0,07%</b>	<b>-0,15%</b>	<b>-1,03%</b>	<b>-1,40%</b>	<b>-2,00%</b>	<b>-21,01%</b>	<b>152.847</b>	
MAG Cash FI RF LP	0,98%	1,99%	11,48%	26,24%	42,87%	166,67%	2.172.252	01/10/2014
% CDI	<b>99,09%</b>	<b>99,18%</b>	<b>103,24%</b>	<b>103,77%</b>	<b>103,13%</b>	<b>108,63%</b>	<b>1.657.315</b>	
MAG FI Renda Fixa Ativo LP	0,92%	2,09%	10,55%	24,77%		27,44%	57.754	29/12/2022
% CDI	<b>93,05%</b>	<b>104,46%</b>	<b>94,82%</b>	<b>97,96%</b>		<b>98,28%</b>	<b>97.547</b>	
MAG High Grade Plus 30 FI RF CP LP	1,11%	2,26%	11,46%			21,78%	79.945	22/05/2023
% CDI	<b>112,52%</b>	<b>112,78%</b>	<b>103,07%</b>			<b>100,61%</b>	<b>92.533</b>	

Multimercados	fev-25	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Desde o Início	PL Atual <sup>1</sup>	Data de Início
							PL Médio 12M <sup>1</sup>	
MAG Strategy FIM	0,78%	1,71%	7,73%	20,26%	34,67%	42,32%	98.945	03/05/2021
% CDI	<b>78,96%</b>	<b>85,16%</b>	<b>69,47%</b>	<b>80,15%</b>	<b>83,40%</b>	<b>86,46%</b>	<b>97.992</b>	
MAG Multiestratégia FIM	0,97%	2,03%	10,21%	22,92%	34,21%	149,05%	111.525	18/11/2014
% CDI	<b>98,52%</b>	<b>101,40%</b>	<b>91,82%</b>	<b>90,65%</b>	<b>82,30%</b>	<b>99,43%</b>	<b>106.920</b>	
MAG Macro FIC FIM	0,87%	1,90%	9,09%	19,83%	34,78%	75,61%	32.046	06/07/2017
% CDI	<b>87,91%</b>	<b>94,69%</b>	<b>81,71%</b>	<b>78,43%</b>	<b>83,66%</b>	<b>93,79%</b>	<b>33.365</b>	

Renda Variável	fev-25	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Desde o Início	PL Atual <sup>1</sup>	Data de Início <sup>3</sup>
							PL Médio 12M <sup>1 4</sup>	
MAG Selection FIA	-2,94%	2,02%	-10,05%	10,47%	-0,12%	-2,73%	40.262	18/08/2021
Ibovespa	<b>-2,64%</b>	<b>2,09%</b>	<b>-4,82%</b>	<b>17,03%</b>	<b>8,54%</b>	<b>5,28%</b>	<b>44.210</b>	
MAG Brasil FIA	-2,68%	1,79%	-6,19%	8,78%	-4,09%	66,67%	262.494	16/12/2011
Ibovespa	<b>-2,64%</b>	<b>2,09%</b>	<b>-4,82%</b>	<b>17,03%</b>	<b>8,54%</b>	<b>118,91%</b>	<b>286.200</b>	
MAG Total Return FIF FIM RL	0,63%	1,44%				-0,85%	29.333	15/03/2024
IMA-B	<b>0,65%</b>	<b>2,55%</b>				<b>7,11%</b>	<b>26.221</b>	

Investimento no Exterior	fev-25	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Desde o Início	PL Atual <sup>1</sup>	Data de Início
							PL Médio 12M <sup>1 2</sup>	
MAG Global Bonds FIC FIM IE	2,18%	3,85%	17,81%	30,45%	24,32%	19,86%	51.173	23/12/2021
CDI	<b>0,99%</b>	<b>2,00%</b>	<b>11,12%</b>	<b>25,28%</b>	<b>58,50%</b>	<b>43,97%</b>	<b>32.621</b>	
MAG Global Equity FIC FIM IE	-4,63%	-7,66%	22,95%	25,11%	-7,27%	-9,20%	59.586	14/10/2020
MSCI World	<b>-0,50%</b>	<b>-3,06%</b>	<b>33,83%</b>	<b>57,44%</b>	<b>45,31%</b>	<b>62,93%</b>	<b>71.245</b>	
MAG Global Equity BRL FIC FIM IE	-4,98%	-2,50%	13,04%	24,65%		34,23%	8.444	04/11/2022
MSCI World	<b>-0,50%</b>	<b>-3,06%</b>	<b>33,83%</b>			<b>76,27%</b>	<b>8.296</b>	
MAG Income Equities FIC FIA IE	-0,74%	-3,49%	28,95%			42,65%	3.873	25/07/2023
MSCI World	<b>-0,50%</b>	<b>-3,06%</b>	<b>33,83%</b>			<b>53,87%</b>	<b>3.643</b>	
MAG Income Equities BRL FIC FIA IE	0,05%	2,65%	14,47%			27,22%	2.567	29/09/2023
MSCI World	<b>-0,50%</b>	<b>-3,06%</b>	<b>33,83%</b>			<b>55,77%</b>	<b>2.453</b>	
MAG Global Diversified Income BRL FIC FIM IE	0,98%	2,47%	11,90%			22,19%	2.437	29/09/2023
CDI	<b>0,99%</b>	<b>2,00%</b>	<b>11,12%</b>			<b>16,31%</b>	<b>2.350</b>	
CDI	0,99%	2,00%	11,12%	25,28%	41,57%			
IMA-B	0,50%	1,58%	-1,00%	13,55%	22,57%			
IPCA + 5,00%	1,31%	1,48%	5,06%	9,79%	15,93%			
Dólar (PTAX)	0,32%	-5,55%	17,37%	12,31%	13,80%			
Ibovespa	-2,64%	2,09%	-4,82%	17,03%	8,54%			
IBrX-100	-2,68%	2,10%	-4,38%	16,87%	7,25%			
MSCI World	-0,50%	-3,06%	33,83%	57,44%	45,31%			

Notas: 1) Unidade: Milhares de Reais.

2) O índice comparativo de rentabilidade utilizado neste material não é parâmetro objetivo do Fundo (benchmark), tal indicador é apresentado meramente como referência econômica. O Fundo não possui benchmark.

3) A gestão dos fundos MAG Cash FI RF LP e MAG Cash 10 FI RF Crédito Privado passaram a ser feitas pela MAG Investimentos a partir de 25/08/2023. A gestão do fundo MAG Brasil FIA passou a ser feita pela MAG Investimentos a partir de 22/03/2024.

4) O PL médio apresentado para o fundo MAG Total Return FIF FIM RL se refere ao período desde o início do fundo. O fundo MAG Total Return FIF FIM RL não possui 12 meses. Para avaliação da performance, é recomendável a análise de, no mínimo, 12 meses.

**Considerações Legais:** A Mongeral Aegon Investimentos Ltda e Mongeral Aegon Renda Variável Ltda são responsáveis pela elaboração desse material, mas não se responsabilizam por quaisquer atos e/ou decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por meio de suas publicações e projeções. Todos os dados e/ou opiniões aqui presentes não devem ser tomados, em nenhuma hipótese, como base, balizamento, guia ou norma para qualquer documento, avaliações, julgamentos ou tomadas de decisões, sejam de natureza formal ou informal. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados e/ou análises desta publicação deverão ser assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo a Mongeral Aegon Investimentos Ltda e Mongeral Aegon Renda Variável Ltda de todas e quaisquer responsabilidades decorrentes do uso deste material.

**ADVERTÊNCIA:** As informações contidas neste material são de caráter meramente informativo e não constituem qualquer tipo de aconselhamento de investimentos, não devendo ser utilizadas com este propósito. A MAG Investimentos e MAG Renda Variável não se responsabilizam pela publicação acidental de informações incorretas, nem por decisões de investimento tomadas com base neste material. Os dados, valores e taxas, aqui mencionados, referem-se às datas e condições indicadas. A MAG Investimentos e a MAG Renda Variável se reservam o direito de alterá-los a qualquer tempo e sem a necessidade de prévia e expressa comunicação. Leia a Lâmina de informações essenciais e o Regulamento do Fundo antes de investir. Fundos de investimento não contam com a garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou fundo garantidor de crédito – FGC. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos e taxas. Para avaliação da performance de um fundo de investimento, é recomendável a análise de, no mínimo, 12 (doze) meses. Não há garantia que os fundos que perseguem a manutenção de uma carteira de longo prazo terão tratamento tributário para fundos de longo prazo. Sobre os investimentos em fundos de renda variável incidem uma alíquota de Imposto de Renda de 15% sobre os rendimentos – cuja apuração ocorre apenas no resgate de cotas ou na amortização. Vale ressaltar que, nos fundos de renda variável, não há incidência do imposto come-cotas. Os fundos multimercados e fundos de ações podem estar expostos à significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os respectivos riscos decorrentes. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial ou extrajudicial dos emissores responsáveis pelos ativos do fundo. Há fundos que utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de suas respectivas políticas de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Alguns fundos podem estar sujeitos à variação cambial. Os cotistas do fundo podem estar sujeitos a riscos de investimento no exterior. Adicionalmente, também estão sujeitos a riscos de mercado, de crédito, de liquidez, de perdas patrimoniais e de derivativos, além de outros riscos especificados nos respectivos regulamentos. Há fundos que estão autorizados a realizar aplicações em ativos financeiros no exterior ou que aplicam em fundos que estão autorizados a realizar tais aplicações. Os índices aqui reportados podem ser mera referência e não parâmetro objetivo dos fundos. Administração BEM: MAG RF FI - Taxa Adm.: 0,30%, Taxa de Performance: Não Possui, Público Alvo: Público em Geral; MAG FIRF REF DI PREMIUM Taxa Adm.: 0,40%, Taxa de Performance: Não Possui, Público Alvo: Público em Geral; MAG HIGH GRADE PLUS 30 FIRF CP LP - Taxa Adm.: 0,635%, Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder 100% do CDI, Público Alvo: Público em Geral; MAG HIGH GRADE FIRF LP - Taxa Adm.: 0,45%, Taxa de Performance: Não possui, Público Alvo: Público em Geral; MAG Alocação Dinâmica IMAB FI RF LP - Taxa Adm.: 0,50%, Taxa de Performance: 20% do que exceder 100% do IMA-B, Público Alvo: Público em Geral; MAG Selection FIA - Taxa Adm.: 2,00%, Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder 100% do Ibovespa, Público Alvo: Público em Geral; MAG BRASIL FIA - Taxa Adm.: 2,00%, Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder 100% do Ibovespa, Público Alvo: Público em Geral; MAG FIRF ATIVO LP - Taxa Adm.: 0,70%, Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder 100% do CDI, Público Alvo: Público em Geral; MAG Strategy FIM - Taxa Adm.: 0,70%, Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder 100% do CDI, Público Alvo: Público em Geral; MAG Global Bonds FIC FIM IE - Taxa Adm.: 0,70%, Taxa de Performance: Não possui, Público Alvo: Investidores Qualificados; MAG Global Equity FIC FIM IE - Taxa Adm.: 0,70%, Taxa de Performance: Não possui, Público Alvo: Investidores Qualificados; MAG Global Equity BRL FIC FIM IE - Taxa Adm.: 0,70%, Taxa de Performance: Não possui, Público Alvo: Investidores Qualificados; MAG Income Equities FIC FIA IE - Taxa Adm.: 0,70%, Taxa de Performance: Não possui, Público Alvo: Investidores Qualificados; MAG Income Equities BRL FIC FIA IE - Taxa Adm.: 0,70%, Taxa de Performance: Não possui, Público Alvo: Investidores Qualificados; MAG Global Diversified Income BRL FIC FIM IE - Taxa Adm.: 0,70%, Taxa de Performance: Não possui, Público Alvo: Investidores Qualificados. Administração BTG: MAG CASH FIRF LP - Taxa Adm.: 0,80%, Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder 100% do CDI, Público Alvo: Público em Geral; MAG CASH 10 FIRF CP LP - Taxa Adm.: 0,80%, Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder 100% do CDI, Público Alvo: Público em Geral. Administração BNY Mellon: MAG TOP FIC FI RF CP LP - Taxa Adm.: 0,65%, Taxa de Performance: Não possui, Público Alvo: Público em Geral; MAG Multiestratégia FIM - Taxa Adm.: 0,30%, Taxa de Performance: 15% sobre o que exceder 100% do CDI, Público Alvo: Público em Geral; MAG Macro FIC FIM - Taxa Adm.: 1,50%, Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder 100% do CDI, Público Alvo: Público em Geral.

Administrador:

BNY Mellon Serviços Financeiros DTVM S.A. (CNPJ: 02.201.501/0001-61) Av. República do Chile, 330 – West Tower, 14º Andar, Centro - Rio de Janeiro – RJ CEP 20031-170 telefones: (21) 3219-2500 – Fax (21) 3219-2501. Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC): sac@bnymellon.com.br ou através dos telefones (21) 3219 – 2600 / (11) 3050-8010.Ouvidoria: ouvidoria@bnymellon.com.br ou através do telefone 0800 725 3219.

BEM Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários Ltda (CNPJ: 00.066.670/0001-00) Cidade de Deus, Prédio Prata, 4º andar, Vila Yara, Osasco – SP CEP: 06029-900 (11) 3684-5122. Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC): 0800 704 8383. Ouvidoria: 0800 727 9933.

BTG PACTUAL SERVIÇOS FINANCEIROS S/A DTVM (CNPJ 59.281.253/0001-23) Praia de Botafogo, 501, 6ºAndar, Botafogo, Rio De Janeiro – RJ CEP: 22250-040 (21)3262-9600 ol-reguladores@btgpactual.com

